

NOME: ARNALDO JOSÉ ZANGELMI

TÍTULO: ASSENTAMENTO DÊNIS GONÇALVES (ZONA DA MATA/MG): EM BUSCA DE UMA EDUCAÇÃO DO CAMPO

AUTORES: ARNALDO JOSÉ ZANGELMI, ARNALDO JOSÉ ZANGELMI

AGÊNCIA FINANCIADORA (se houver): FAPEMIG

PALAVRA CHAVE: Educação do campo, MST, assentamento

RESUMO

A atuação do MST na Zona da Mata mineira é relativamente recente, tendo poucas ocupações até o momento. Em 2005, famílias oriundas principalmente da região metropolitana de Belo Horizonte e Sudoeste de Minas Gerais ocuparam a Fazenda Santa Helena (Visconde do Rio Branco), dando origem ao Assentamento Olga Benário, no qual foram assentadas 30 famílias.

Em março de 2010, cento e cinquenta trabalhadores de várias regiões de Minas Gerais realizaram outra ocupação, na Fazenda Fortaleza de Sant'Anna, município de Goianá (Zona da Mata/ MG), dando origem ao acampamento Dênis Gonçalves. Essa fazenda - caracterizada como improdutiva pelo INCRA - trata-se do maior latifúndio da Zona da Mata (4.683 hectares)

Em janeiro de 2011 a justiça determinou a reintegração de posse, tendo os trabalhadores que saíram da terra, ficando acampados às margens da MG 353 (Km 50) por cerca de dois anos. Em setembro de 2013 cerca de 90 famílias reocuparam a fazenda. A expectativa do MST é de que cerca de 150 famílias sejam assentadas no local, formando o maior assentamento de Minas Gerais. O MST, desde o início de suas mobilizações, tem colocado a criação de projetos educacionais alternativos como um de seus principais objetivos, o que levou a concretização de várias experiências educacionais pelo Brasil. Em Minas Gerais, essas iniciativas foram desenvolvidas desde a década de 1990, nos primeiros assentamentos, principalmente nas regiões Nordeste, Triângulo e Norte do estado.

Os trabalhadores sem-terra do Assentamento Dênis Gonçalves ainda não contam com escola própria – dependendo das escolas dos municípios de Goianá e Coronel Pacheco - mas essa tem sido uma de suas demandas, o que nos instigou a investigar como suas expectativas e experiências educacionais estão sendo construídas nesse processo.

Diante desse quadro, nossa pesquisa pretende compreender o processo de mobilização dos trabalhadores rurais nessas ocupações e as relações desse processo de luta com a possível constituição de expectativas, concepções e experiências educacionais entre os integrantes do Assentamento.

Assim, visamos compreender como o processo de mobilização pode ter influenciado na perspectiva dos trabalhadores rurais envolvidos sobre a Educação, atentando para vários aspectos - como suas perspectivas sobre a relação teoria/prática, sobre a necessidade de uma educação voltada para as especificidades do campo, sobre a possibilidade de uma educação transformadora, etc.. Vários movimentos sociais, em especial do MST, têm desenvolvido projetos educacionais alternativos como parte fundamental de suas mobilizações, pressionando pela inclusão dessas questões nas políticas públicas (ARROYO, CALDART & MOLINA, 2004). Assim, baseados num projeto de desenvolvimento alternativo, esses grupos buscam uma educação que se realize no campo, que seja voltada para o campo e que seja proveniente do campo, ou seja, que tenha a população do campo como sujeito do processo educativo (CALDART, 2004).

Dessa forma, essas concepções educacionais colocam a necessidade de uma relação fluente entre teoria e prática no processo educativo, na qual o espaço escolar seja articulado cotidianamente com as relações familiares, do trabalho e das práticas de mobilização, dimensões também entendidas como espaços de aprendizado.

Nessas propostas também se desenvolve uma forte noção de que a educação tem um papel transformador para a sociedade, buscando o fortalecimento do espírito crítico e da participação político/democrática. Assim, é nesse sentido que o processo educativo é pensando de forma articulada com o processo de mobilização, relacionando teoria e prática, visando uma formação mais ampla dos sujeitos engajados nos movimentos.

Diante dessas questões, estamos realizando entrevistas com alguns indivíduos pertencentes aos principais grupos envolvidos nessas mobilizações, buscando conhecer suas participações e perspectivas sobre o processo em questão e, especialmente, suas expectativas, concepções e experiências educacionais. Essas entrevistas e sua análise estão sendo baseadas nos referenciais metodológicos da História Oral, principalmente pelo viés temático.

Inicialmente, a seleção dos entrevistados foi com base na proximidade e interesse de alguns atores em relação à questão educacional. Pretendemos entrevistar tanto trabalhadores rurais mobilizados quanto aqueles indivíduos tidos como lideranças no processo de mobilização. A partir desses contatos iniciais, estamos definindo novos critérios para seleção dos entrevistados, com base nos desdobramentos da pesquisa.

Pudemos perceber que as experiências educacionais dos assentados são marcadas pela inadequação em relação à educação a que têm acesso, em especial no que se refere às escolas urbanas onde seus filhos estudam. Recebemos relatos de situações de tensão e conflito entre as ações educacionais típicas dessas escolas e alguns valores que as crianças do assentamento trouxeram de seu contexto de mobilização.

Um exemplo é o desencontro entre as formas de exercício da autoridade e do espírito crítico. Alguns depoimentos salientaram que os educadores têm caracterizado os filhos dos assentados como indisciplinados, insolentes, rebeldes, em face deles terem questionado as regras estabelecidas no espaço escolar. Nessas situações, pudemos perceber que os trabalhadores rurais têm uma perspectiva própria sobre a autoridade e a construção das regras, fortemente relacionada com o modelo de decisão coletiva e dialogada de suas mobilizações, que se choca com o modelo rígido e hierarquizado das escolas.

Outras situações mais pontuais demonstram o descompasso entre a escola a que têm acesso e as concepções dos sem-terra, como nas diferentes perspectivas sobre o meio ambiente, trabalho, uso de agrotóxicos, relações políticas, etc.. Assim, uma de suas principais expectativas tem sido a criação de uma escola no Assentamento, na qual possa ser empregado um modelo educacional alternativo.